



O *Sexploitation* tupiniquim: as *Pornochanchadas* brasileiras

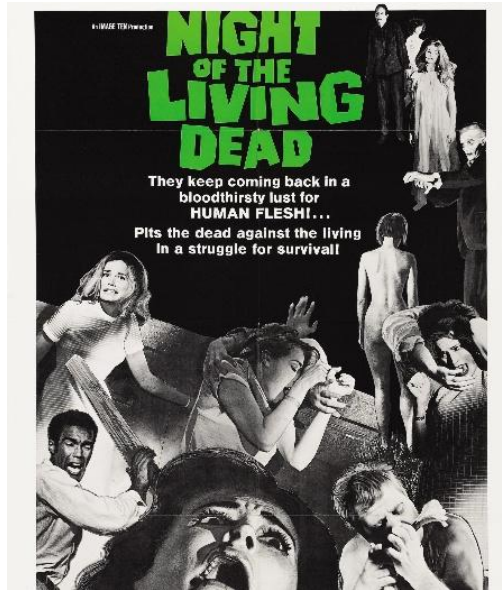
Livia Maria Pinto da Rocha Amaral Cruz

**Mestranda- Unicamp
Brasil**

Ponencia presentada en:

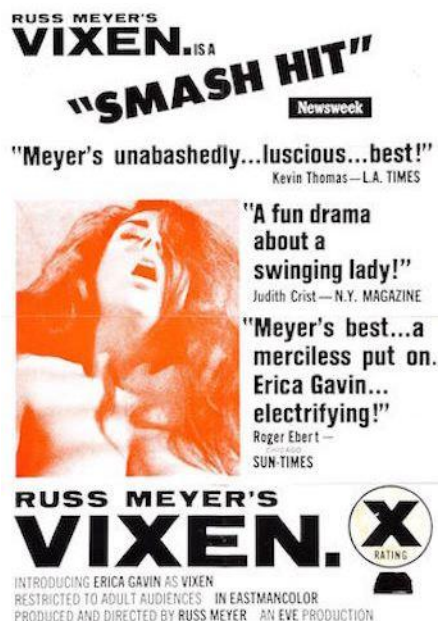
VI Jornada de Estudos de Cinema e Fotografia, Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA- Unicamp),. O trabalho foi apresentado no dia 16/11/2015, na mesa de debates "Cinema Industrial Brasileiro das décadas de 1950 e 1970: Conversas com o popular".

Sobre o gênero *Exploitation* (ou exploração, em português), podemos compreender a produção de qualquer filme que tente ter sucesso financeiro explorando alguma tendência momentânea, um gênero específico (com valor de choque), ou um assunto escabroso. Os temas explorados nesses filmes dialogam exclusivamente com sexo ou violência. Os filmes do gênero, pertencente ao *Paracinema*¹, também são conhecidos no imaginário popular como “filmes B” (produções geralmente de baixo orçamento). Apesar da marginalidade com que são tratados, esses filmes, às vezes atraem atenção da crítica e são cultuados por muitos fãs². Alguns, como *A noite dos mortos vivos* (1968)³, definem tendências e se tornam historicamente importantes, transcendendo o gênero no qual se inscrevem. No caso do clássico de Romero, temos uma produção gore que inaugura o sub-gênero de zumbis, e que acima de tudo é um filme com um ácido comentário sobre sociedade americana da época, dialogando diretamente com os traumas da Guerra do Vietnam e com os EUA em luta pelos direitos civis dos negros.



(Cartaz *A noite dos mortos vivos*)

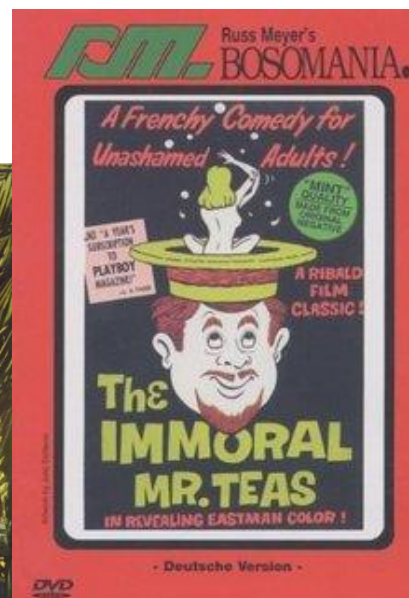
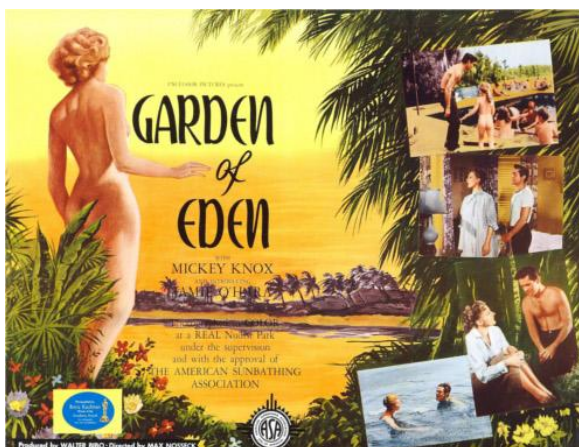
No caso, o subgênero *Sexploitation* (ou “sexo-exploração”), é uma classe de produção independente de baixo orçamento, lançados em sua maioria durante a década de 60, que serviam em grande parte como um veículo para a exposição de situações sexuais não-explicitas e de nudez gratuita. Estes filmes, nos Estados Unidos⁴, eram geralmente exibidos em salas de cinema urbanas apelidadas de *grindhouse*, as quais foram as precursoras das salas de cinema dos anos 70 e 80 que apresentavam conteúdo *hardcore*.



(Cartaz filme *Vixen*⁵)

O gênero surgiu pela primeira vez nos Estados Unidos por volta de 1960. Havia inicialmente dois grandes tipos de filmes, os *Cuties Nudie*, tais como *The Immoral Mr. Teas* (1959), filmes criados em campos de nudismo como *Filha do Sol* (1962) e um pouco mais “artísticos”, como *As Meninas de Crepúsculo* (1961). Os *Cuties Nudie* foram populares na década de 1960, e eram uma progressão dos filmes de acampamento nudistas da década de 1950.

Na sequência de uma série de decisões, o Supremo Tribunal americano, no final dos anos 50, início dos anos 60, havia estabelecido que o sexo e obscenidade não eram sinônimos. A Suprema Corte havia decidido que não só os filmes ambientados em campos de nudismo estavam isentos da proibição geral de nudez, como seriam considerados educacionais. No início de 1960, os filmes passaram a ser realizados de modo a imitar documentários a fim de enganar os censores, dessa forma, se passando por “educacionais”. Logo, os *Cuties Nudie* foram substituídos pelos *Roughies*, que apresentavam violência masculina contra mulheres, incluindo rapto, estupro e assassinato. *Lorna* (1964), dirigido pelo mestre do gênero, Russ Meyer é amplamente considerado o primeiro *Roughie*.



(Cartazes de *Garden of Eden*⁶ e *The Immoral Mr Teas*⁷)



(Cartazes *Lorna* e *Two Thousand Maniacs*!⁸)

Se antes os filmes de *Sexploitation* eram exibidos em cinemas *grindhouse*, tendo seu público caracterizado pela mídia como desviante ou *raincoaters*, com o final da década de 1960, os filmes estavam sendo exibidos em cadeias de cinema com um público maior e mais amplo, incluindo mulheres. Como o gênero passou, com o passar da década, a exibir cenas de sexo simuladas⁹, os filmes sofreram oposição de grupos religiosos da *Motion Pictures Association of America* (MPAA). A associação, que representava os seis maiores estúdios de cinema americanos, no caso se disse preocupada por conta de os filmes do subgênero estarem diminuindo os lucros dos grandes distribuidores, levando alguns jornais a proibir a publicidade de tais filmes. A partir desta decisão, o subgênero diminuiu rapidamente no início de 1970, levando ao encerramento de muitas *grindhouses*, que passaram a exibir em suas salas a nova novidade do momento, os filmes de sexo explícito, começava a *Golden age of porn*.

Ainda dentro do *Sexploitation*, temos o (sub)subgênero *Woman in Prison* (WIP), em português Mulheres na prisão. Este, começou no final de 1960 e continua até os dias atuais. Suas histórias giram em torno de mulheres encarceradas que são submetidas a abuso sexual e físico, normalmente do sexo masculino sádico ou guardas prisionais do sexo feminino, além de outras detentas. O sexo lésbico entre detentas também está

presente nestes filmes. O afrouxamento das leis de censura cinematográfica na década de 1960, permitiu aos cineastas que reproduzissem fetiches mais extremos, como voyeurismo (cenas de banho coletivo), fantasias sexuais (lesbianismo), *S&M* (bondage, chicotadas e submissão), e sadismo (espancamentos, tortura, estupros). Outros dois (sub)subgêneros similares ao WIP são o *Nunsplotation*¹⁰, onde o cenário sai dos presídios e vai para os conventos e orfanatos e o *Nazisploitation*¹¹, onde a ambientação se dá na Segunda Guerra e os enredos se passam ou em prisões ou campos de concentração.



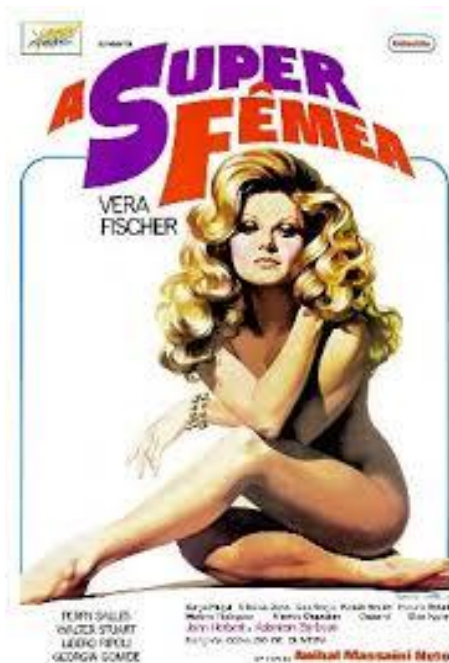
(Cartazes filmes *Big Doll House*¹², *Castigata*¹³ e *Ilsa: She Wolf of the SS*¹⁴)

O gênero *Pornochanchada*, pode ser considerado versão brasileira deste fenômeno mundial que foi o *Sexploitation*¹⁵ pois, assim como seus similares nos Estados Unidos, Itália, Espanha etc., aproveitou de vantagens comerciais para produzir filmes feitos sob encomenda, pegando uma carona para poder exibir cenas de nudez e insinuações de situações sexuais. Estes filmes passaram a ser frequentemente vendidos para distribuidoras, somente por conta de seus títulos altamente sugestivos e sinopses, porém, a maioria ficava apenas na promessa e raramente cumpria sua promessa de sexo *per se*.

Para Nuno, a definição de *Pornochanchada* seria a de um rótulo o qual abriga os filmes produzidos na década de 1970 que exploravam o erotismo. Combinavam a influência dos filmes italianos em episódios (que juntavam humor, malícia e ironia em histórias curtas), com as comédias de costumes cariocas, a chanchada – por isso, o uso do termo chanchada, fazendo com que os filmes sejam remetidos a uma ideia de má produção, sem valor artístico e vulgares. No entanto, o prefixo “porno” foi dado, não pelos profissionais deste novo ramo filmico nacional, mas sim pela imprensa, a fim de “desmoralizar” o novo gênero. Em relação aos filmes, apesar do apelo erótico não havia nada de explícito em seu início. Apenas a intenção ingênua da chanchada de uma maneira explícita, porém ainda não deixando de ser uma crônica de costumes¹⁶.

Como muitos filmes do subgênero ao redor do mundo, as *Pornochanchadas* brasileiras são caracterizadas por suas complexas relações com a censura. Muitos dos filmes do gênero brasileiro, que lidavam com assuntos sexuais, terminavam em casamento. Como a pesquisadora Tanya Krzywinska, em *Sex and the Cinema*, nos lembra, o cinema muitas vezes se serve da transgressão sexual só para censurá-la (KRZYWINSKA, 2006. p: 56). E enquanto os críticos se ofenderam com o conservadorismo dos filmes, conservadores brasileiros, literalmente, saíram às ruas para reclamar sobre os filmes estarem cada vez mais liberais sobre as questões de sexo e sexualidade.

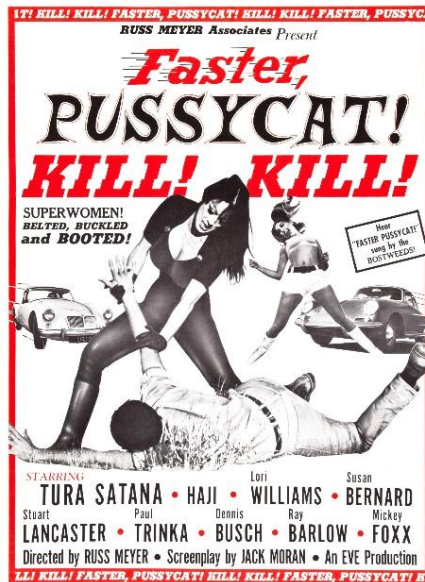
Muitas *Pornochanchadas*, como as americanas, podem ser descritas como versões cinematográficas de revistas masculinas, no caso americano, principalmente as *Cutes nudie*. No caso brasileiro, um grande exemplo é o filme *A superfêmea* (1973). O filme, dirigido por Anibal Massaini Neto, foi um grande sucesso e foi estrelado pela ex-Miss Brasil Vera Fischer, interpretando uma modelo contratada para fazer a campanha de uma pílula contraceptiva para homens. As *Pornochanchadas*, como muitos filmes de *Sexploitation* de todo o mundo, provocaram um “ultraje” à moral e bons costumes em seus lançamentos, mesmo (no caso brasileiro), em seu cerne, elas passarem na grande maioria das vezes mensagem conservadora e moralista.



(Cartaz filme *A superfêmea*)

Outro exemplo de semelhança pode ser visto no filme *O bem dotado- O homem de Itu* (1978), dirigido por José Miziara, onde o personagem de Nuno Leal Maia é um

caipira possuidor de “talentos” sexuais não descobertos. O personagem de Nuno Leal Maia lembra o de Dennis Busch em, *Faster Pussycat! Kill! Kill!* (1965), também do diretor Russ Meyer. O personagem, chamado de “O vegetal”, que dispensa qualquer tipo de explicação por conta de sua alcunha.



(Cartaz filme *Faster, Pussycat! Kill! Kill!*)

O filme *Amadas e violentadas* (1976), é um suspense que se enquadra na tentativa dos produtores e estúdios da Boca do Lixo paulistana de tentar escapar do termo designado pela mídia, e tenta se inspirar nos *thrillers* americanos- curiosamente também pode ser comparado com o subgênero do *exploitation* italiano *Giallo*¹⁷. O subgênero italiano se inspira na série de livros de suspense com uma capa amarela¹⁸ que existia no país, uma a versão italiana das *pulp fictions*¹⁹ americanas. Alguns estudiosos de cinema, apontam os filmes *Giallo* como uma espécie de padrinho do gênero *Slasher* que fez sucesso duas décadas depois.

Quando esses filmes começaram a ser lançados, a associação com os livros foi instantânea, trazendo este “apelido” para designar esses tipos de filme. Os filmes versavam sobre assassinos em séries sendo perseguidos por detetives, mortes chocantes onde as personagens femininas são as principais vítimas, e exposição de corpos total ou parcialmente nus. O subgênero como realizadores mais famosos os diretores Dario

Argento e Mario Bava, o último tendo sido o diretor do primeiro filme do precursor: *La ragazza che sapeva troppo*, de 1963.



(Cartazes *La ragazza che sapeva troppo* e *Torso*²⁰)

Porém, como a versão nacional não é uma cópia fiel dos similares estrangeiros, há algumas diferenças entre os gêneros. Uma delas é a relação entre o consumo e distribuição de seus filmes. Como vimos acima, o caso brasileiro se aproveitou das leis de reserva de mercado, impostas pela Embrafilme para a produção nacional, para poder se consolidar. Outras divergências seriam o fato de que no caso do gênero brasileiro as relações entre seus filmes e o cinema *mainstream*, seriam mais “estreitas”. Produções como²¹ *Dona Flor e seus dois maridos* (1976), de Bruno Barreto e *A dama do loteação* (1978), de Neville de Almeida são dois exemplos de filmes que trouxeram o erotismo para dentro do cinema “oficial”, numa espécie de versão mais bem acabada das *Pornochanchadas*²², ou como Bernardet (1978)²³ afirma, *porno chic*. E o fato de que nos filmes das *Pornochanchadas*, é comum vermos atores do *mainstream* nacional como galãs e mocinhas de novelas.



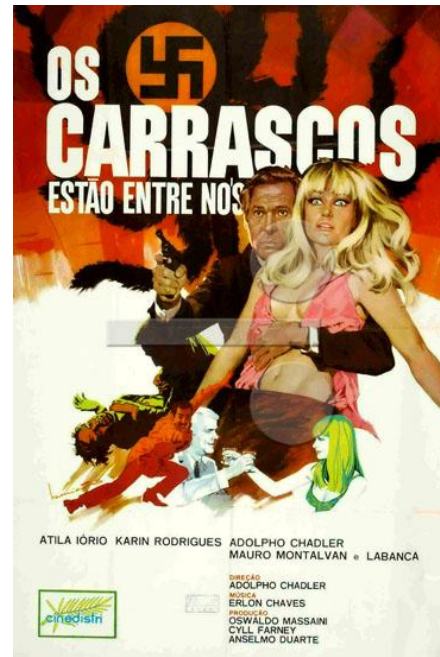
(Cartazes *Dona Flor e seus dois maridos* e *A dama do lotação*)

Porém, mesmo havendo algumas divergências entre o produto nacional e os estrangeiros, se há uma semelhança que comprova a relação os gêneros são os filmes de *Women in Prison (WIP)*. O *WIP* brasileiro foi rápido, e consideravelmente prolífico, gerando filmes com títulos sugestivos filmes como *Presídio de mulheres violentadas* (1977), dirigido por Luiz Castellini e Antônio Polo Galante; *Internato de meninas virgens* (1977), *Pensionato das vigaristas* (1977), *Fugitivas insaciáveis* (1978) e *A prisão* (1980), todos de Oswaldo de Oliveira; *Escola penal de meninas violentadas* (1977), de Antônio Meliande e *Reformatório das depravadas* (1978), de Ody Fraga.

Curiosamente, em *Boca do Lixo: Cinema e classes populares* (2006), Abreu cita Antonio Polo Galante como o “pai” do subgênero, o caracterizando também como um ciclo do Cinema da Boca. Abreu afirma que o “ciclo” tem origem “controversa”, onde rezava a lenda que Galante seguiu o palpite de um diretor de uma produção alemã que seria rodada no país. O diretor, com experiência em filmes de presídio, teria lhe revelado que “O que dá dinheiro é grade e mulher nua atrás da grade” (ABREU, 2006. p: 82). Talvez nunca saberemos a história verdadeira por de trás da chegada dos filmes *WIP* no país. A história relatada por Abreu traz o questionamento de até onde as novidades em voga no estrangeiro encontravam a barreira da Censura e até onde o subgênero *Sexploitation* foi um grande influenciador das *Pornochanchadas* nacionais.



Outro subgênero do *exploitation* que podemos reconhecer em produções feitas na Boca do Lixo é o citado anteriormente, *Nazisploitation*, onde filmes como *Os Carrascos estão entre nós* (1968)²⁴ e *O último cão de guerra* (1980)²⁵ nos lembram outras produções do gênero em seus signos. No artigo escrito para a extinta revista eletrônica *Zingu!*, o jornalista e pesquisador do cinema da Boca do Lixo Matheus Trunk²⁶ lista os dois filmes acima e mais *Aleluia, Gretchen* (1975)²⁷ e *Lilian M., Relatório Comercial* (1974)²⁸. Porém, acreditamos que apenas os dois primeiros podem se enquadrar na estética e temática do subgênero, onde O filme de Silvio Back, inclusive é coproduzido e distribuído pela Embrafilme²⁹.



(Cartazes dos filmes *Aleluia, Gretchen*, *Os carrascos estão entre nós* e *O último cão de guerra*)



(Imagens de divulgação de *Presídio de mulheres violentadas* e *Escola penal de meninas violentadas*³⁰)



(Cartazes de *A história que as nossas babás não contavam*³¹ e *Sinderella and the golden bra*

³², que demonstram como ambos modelos cinematográficos são similares)

O que podemos concluir sobre as similaridades e diferenças entre o modelo da *Pornochanchada* nacional e o *Sexploitation* internacional é que o modelo nacional pode ser considerado uma repaginação beirando a antropofagia de Oswald de Andrade (1928). O produto brasileiro bebeu das águas deste *Paracinema* que invadia as telas de cinemas mundiais, misturando-o com signos já existentes em nosso cinema e cultura



(como no caso as *Chanchadas* de décadas antes) e criando uma versão local cheia de idiossincrasias e paradoxos.

© **Livia Maria Pinto da Rocha Amaral Cruz**

Notas

1 *Paracinema* é um termo acadêmico para se referir a uma ampla variedade de gêneros cinematográficos fora do *mainstream*. (Fonte: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Paracinema>> Acessado em: 20/04/2016.)

2 *Grindhouse* (2007), composto pelos filmes *Planeta Terror* e *À prova de morte*, dos diretores Robert Rodriguez e Quentin Tarantino, respectivamente, são filmes que homenageiam o gênero cinematográfico, trazendo em sua história signos existentes em seus filmes. Os filmes, assim como os exibidos nas salas de cinema homônimas, foram exibidos em sequência e traziam e suas produções todos os signos existentes nos filmes do gênero, bem como eram recheados de *faux-trailers* de filmes do gênero.

3 Dir.: George A. Romero.

4 É de extrema importância pontuar que esta introdução ao tema vai tomar apenas o recorte de seu precursor, o *Sexploitation* americano pois, assim como a tendência, à sua forma, chegou ao Brasil, o subgênero foi um fenômeno também em vários outros países.

5 1968, dir.: Russ Meyer.

6 1954, dir.: Max Nosseck.

7 1959, dir.: Russ Meyer.

8 1964, dir.: Herschell Gordon Lewis.

9 É curioso notar que o movimento dos filmes de *Sexplotation* para os de sexo explícito foi bem parecido com o da nossa *Pornochanchada* para o mesmo.

10 *Nun* (freira). No Brasil, não só teremos filmes de WIP, mas também teremos filmes de *Nunsploitation*.

11 Um outro grande exemplo de filme que pode ser considerado como uma “homenagem” ao (sub)subgênero é o longa *Bastardos Inglórios* (2009), também de Quentin Tarantino.

12 1971, dir.: Jack Hill.

13 1974, dir.: Gianfranco Mingozzi. (O filme, é o único das escolhas que não é uma produção americana, mas sim ítalo-alemã.)

14 1975, dir.: Don Edmonds.

15 Para não deixar dúvidas, não só o *Sexploitation*, mas o *Exploitation* como um todo foi um fenômeno mundial.

16 “Ao final de 1972, o jornal O Estado de S.Paulo publicou um artigo sob o título “Cinema brasileiro procura afirmar-se no erótico”, com uma relação dos 25 filmes nacionais de maior bilheteria no período compreendido entre novembro de 1969 e junho de 1972. “Deste conjunto”, observa o articulista C. M. Motta, “dezenove são comédias e a maioria explora com abundância o sexo e as situações eróticas.” O interesse do público pelo erotismo cinematográfico prevalece sobre os gêneros tradicionais e os filmes vão buscar nas velhas anedotas picantes a inspiração para os roteiros, o que permitem desdobramentos previsíveis mas nem por isso menos atraentes” (SIMÕES, 1999: p. 165).

17 *Giallo* (amarelo).

18 Daí o nome *Giallo*.

19 < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pulp> > Acessado em: 30/04/2016.

20 1973, dir.: Sergio Martino.

21 Ambas estreladas, pela já “estrela” nacional Sônia Braga.

22 *Como era gostoso o meu francês* (1971) de Nélon Pereira dos Santos e *Xica da Silva* (1976) , de Cacá Diegues, são outros grandes exemplos de filmes nacionais, fora da produção da Boca, que tem um apelo erótico.

23 Ver anexo 18.

24 Dir.: Adolfo Chadler.

25 Dir.: Tony Vieira.

26 <<http://revistazingu.blogspot.com.br/2008/02/subgenerosobscuros.html>> Acessado em: 15/05/2016.

27 Dir.: Silvio Back.

28 Dir.: Carlos Reichenbach.

29 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aleluia,_Gretchen> Acessado em: 15/05/2016.

30 Este que pode ser considerado um exemplo de filmes de *Nunsploitation*.

31 1979, dir.: Oswaldo de Oliveira.

32 1964, dir.: Loel Minardi.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Nuno Cesar Pereira de. *Boca do lixo: cinema e classes populares*. Campinas: Unicamp, 2006.

_____, Nuno Cesar Pereira de. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de Letras, 1996/ 2012.

AVELLAR, José Carlos. “A teoria da relatividade”. In: BERNARDET, Jean-Claude; AVELAR, José Carlos; MONTEIRO, Ronald F. *Anos 70: cinema*. Rio de Janeiro: Europa, 1979. p.73-96.

KRZYWINSKA, Tanya. *Sex and the Cinema*. London: Wallflower, 2006.

MEYERS, Richard. *For one week only: The workd of exploitation films*. New Jersey: New Century Publishers, Inc., 1983.

RAMOS, José Mário Ortiz. “O cinema brasileiro contemporâneo (1970-1987)”. In: RAMOS, Fernão (orgs.). *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art Editora, 1987. p. 401-453.

RUÉTALO, Victoria; TIERNEY, Dolores (ed.). *Latsploitation, Exploitation Cinemas and Latin America*. New York: Routledge, 2009.

SCHAEFER, Eric. *Bold! Daring! Shocking! True! A history of exploitation filmes (1919-1959)*. Durham: Duke University Press, 1999.

SHIPKA, Danny. *Perverse titillation: the exploitation cinema of Italy, Spain and France, 1960–1980*. Jefferson: McFarland & Company, Inc., 2011.

SIMÕES, Inimá. *Roteiro da Intolerância: a censura cinematográfica no Brasil*. São Paulo: Editora Senac, 1999.